

Clara - Cópias

# POLITICA EXTERNA

- Nicholas D. Kristof ..... A ascensão da China
- Yoichi Funabashi ..... A asiantização da Asia
- Claudio de Moura Castro ..... Recursos humanos na Rússia
- Martina Fehonova ..... Dolanzagao: significado e consequências
- Paulo Nogueira Batista Jr. .... O drama do Haiti
- Mark Danner .....

## POLEMICA

- Samuel P. Huntington ..... Choque das civilizações?
- Comentários
- Kishore Mahbubani — Robert L. Bartley — Liu Binyan
- Jean J. Kirkpatrick — Fouad Ajami
- Respostas
- Samuel P. Huntington ..... Paradigmas do mundo pós-Guerra Fria



## Civilizações ou o quê? Paradigmas do mundo pós-Guerra Fria

Samuel P. Huntington

Quem pensa seriamente, pensa de maneira abstrata; invoca representações simplificadas da realidade denominadas conceitos, teorias, modelos, paradigmas. Sem esses instrumentos intelectuais, o que há, diz William James, é apenas uma "confusão dos diabos". O avanço intelectual e científico, como mostrou Thomas Kuhn no clássico *A Estrutura das Revoluções Científicas*, consiste na superação de um paradigma que é cada vez mais incapaz de explicar fatos novos ou descobertas recentes por um novo paradigma que explica tais fatos de maneira mais satisfatória. "Para ser aceita como paradigma", escreve Kuhn, "uma teoria precisa ser considerada melhor que suas competidoras, mas não precisa, e na verdade nunca consegue, explicar todos os fatos com os quais pode ser confrontada".

Ao longo de 40 anos, estudantes e profissionais de relações internacionais pensaram e agiram baseando-se em uma representação altamente simplificada, mas muito útil, do cenário mundial: o paradigma da Guerra Fria. O mundo se dividia entre um grupo de sociedades relativamente prósperas e em sua maioria democráticas, liderado pelos Estados Unidos, que travava um amplo conflito ideológico, político, econômico e às vezes militar com outro grupo de sociedades um tanto mais pobres, comunistas, lideradas pela União Soviética. Grande parte do conflito se desenvolvia em território exterior aos dois grupos: no Terceiro Mundo, composto de países geralmente pobres, sem estabilidade política, independentes havia pouco e que se pretendiam não-alinhados. O paradigma da Guerra Fria não explicava tudo o que acontecia na política mundial. Havia muitas anomalias, para

\* Este artigo foi publicado em *Foreign Affairs*, vol. 72, n.º 5, nov.-dez. 1993.

usar a expressão de Kuhn, e às vezes o paradigma cegava estudiosos e políticos para grandes acontecimentos, como o racha sino-soviético. Ainda assim, como modelo simples de política global, ele explicava mais fenômenos importantes que qualquer um dos seus rivais; era ponto de partida indispensável para a análise dos assuntos internacionais; tomou-se quase universalmente aceito e modelou o pensamento político mundial por duas gerações.

Os dramáticos acontecimentos dos últimos cinco anos transformaram aquele paradigma em história intelectual. Para nos ajudar a ordenar e entender acontecimentos centrais na política mundial, um novo modelo se faz claramente necessário. Qual seria o melhor mapa do mundo pós-Guerra Fria?

### Um mapa do novo mundo

"Choque das Civilizações?" é uma tentativa de esboçar os elementos de um paradigma pós-Guerra Fria. A exemplo do que ocorre com todos os paradigmas, há muita coisa que o paradigma civilizacional deixa de resolver; seus críticos não terão dificuldade de mencionar exemplos — até exemplos importantes, como a invasão do Kuwait pelo Iraque — que ele não explica e não poderia prever (embora pudesse prever a evaporação da coalizão anti-Iraque depois de março de 1991). Ainda assim, como demonstra Kuhn, acontecimentos anômalos não refutam um paradigma. Um paradigma só é refutado pela criação de um paradigma alternativo que explique mais fatos cruciais em termos tão simples ou mais simples (ou seja, em nível comparável de abstração intelectual; uma teoria mais complexa sempre explica mais que uma teoria mais econômica). As controvérsias que o paradigma civilizacional desencadeou mundo afora mostram que, em alguma medida, ele acerta o alvo; concorda com a realidade tal como as pessoas a vêem, ou chega tão perto disso que as pessoas que não a aceitam têm de atacá-lo.

Que agrupamentos de países terão mais importância na cena internacional e serão mais relevantes para a compreensão da política global? Os países já não pertencem ao Mundo Livre, ao bloco comunista, ao Terceiro Mundo. Dividi-los simplesmente em ricos e pobres, ou democráticos e não-democráticos, pode ajudar um pouco, mas não muito. A política global hoje é complexa demais para ser socada em dois escaninhos. Por razões esboçadas no artigo original, as civilizações serão as sucessoras naturais dos três mundos da Guerra Fria. Em nível macro, a política mundial provavelmente envolverá conflitos e mudanças no equilíbrio de forças de Estados de diferentes civilizações; no nível micro, os conflitos mais violentos, prolongados e perigosos (pelo risco de escalada) deverão acontecer entre Estados e grupos de diferentes civilizações. Como meu artigo destacava, este paradigma civilizacional explica muitos acontecimentos importantes ocorridos na cena internacional nos últimos anos, incluindo a desagregação da URSS e da Iugoslávia, as guerras ora travadas em seus antigos territórios, a ascensão do fundamentalismo

religioso em todo o mundo, as lutas internas na Rússia, Turquia e México em torno de suas identidades, a intensidade dos conflitos comerciais entre os EUA e o Japão, a resistência dos Estados islâmicos à pressão do Ocidente sobre o Iraque e a Líbia, os esforços dos Estados islâmicos e confucianos para adquirir armas nucleares e meios para produzi-las, o papel continuado da China como grande potência *outsider*, a consolidação de novos regimes democráticos em alguns países e não em outros, e a crescente corrida armamentista no Leste Asiático.

Nos poucos meses desde que o artigo foi escrito, os seguintes acontecimentos também se ajustaram ao paradigma civilizacional e poderiam ter sido previstos a partir dele:

- a continuidade e intensificação da luta entre croatas, muçulmanos e sérvios na antiga Iugoslávia;
- o fracasso do Ocidente em fornecer apoio significativo aos muçulmanos da Bósnia ou em denunciar as atrocidades croatas da mesma forma que as atrocidades sérvias foram denunciadas;
- a relutância da Rússia em se unir aos outros membros do Conselho de Segurança da ONU para forçar os sérvios da Croácia a um acordo de paz com o governo croata, e a oferta do Irã e outras nações muçulmanas de fornecer 18 mil soldados para proteger os muçulmanos bósnios;
- a intensificação da guerra entre armênios e azerbaijanos; as exigências turca e iraniana de que os armênios renunciem a suas conquistas; a distribuição de soldados turcos na fronteira azerbaijana e o deslocamento de soldados iranianos até aquela fronteira; e a advertência da Rússia de que a ação iraniana contribui para a "escalada do conflito" e "o empurra até os perigosos limites da internacionalização";
- a luta contínua, na Ásia Central, entre soldados russos e guerrilheiros mujahedins;
- na Conferência Mundial da ONU sobre os Direitos Humanos, em Viena, o confronto entre o Ocidente liderado pelo secretário de Estado norte-americano, Warren Christopher, denunciando o "relativismo cultural", e uma coalizão de estados islâmicos e confucianos rejeitando o "universalismo ocidental";
- o deslocamento da atenção dos estrategistas militares da Rússia e da Otan, de modo semelhante, para a "ameaça do Sul";
- a votação que definiu Sidney e não Pequim como sede das Olimpíadas do ano 2000, que parece ter seguido quase exclusivamente critérios civilizacionais;
- a venda de componentes para mísseis da China ao Paquistão, a consequente imposição de sanções dos EUA contra a China, e o confronto entre a China e os EUA sobre a suposta transferência de tecnologia nuclear chinesa ao Irã;
- a quebra da moratória por parte da China ao testar uma arma nuclear, a despeito dos fortes protestos dos EUA, e a recusa da Coreia do Norte de prosseguir em conversações sobre seu programa de armas nucleares;

- a revelação de que o Departamento de Estado norte-americano seguia uma política de "contenção dupla" dirigida contra o Irã e o Iraque;
- o anúncio, pelo Departamento de Defesa norte-americano, de uma nova estratégia de preparação para "dois grandes conflitos regionais", um contra a Coreia do Norte, o outro contra o Irã ou o Iraque;
- o apelo do presidente do Irã por alianças com a China e a Índia, para que "possamos ter a última palavra em acontecimentos internacionais";
- a nova legislação alemã que restringe drasticamente a admissão de refugiados;
- o acordo entre o presidente russo, Boris Yeltsin, e o presidente ucraniano, Leonid Kravchuk, sobre a distribuição da esquadra do Mar Negro e outras questões;
- o bombardeio de Bagdá pelos norte-americanos; o apoio virtualmente unânime dos governos ocidentais e a condenação, por quase todos os governos muçulmanos, de mais um exemplo dos "critérios duplos" empregados pelo Ocidente;
- a inclusão do Sudão na lista de Estados considerados "terroristas" pelos EUA, e o indiciamento do xeque Omar Abdel Rahman e seus seguidores por conspiração "para iniciar uma guerra de terrorismo urbano contra os Estados Unidos";
- a melhoria das perspectivas de admissão da Polónia, Hungria e da República Tcheca e Eslovaca na Otan.

A perspectiva do "choque de civilizações" explica todos os acontecimentos mundiais significativos dos últimos meses? Evidente que não. É possível argumentar, por exemplo, que o acordo entre a Organização para a Libertação da Palestina e o governo de Israel sobre a Faixa de Gaza e Jericó é uma anomalia significativa do paradigma civilizacional; de certo modo, é mesmo. Mas ele não invalida a abordagem civilizacional: é historicamente significativo justamente porque ocorre entre grupos de duas civilizações diferentes que lutam entre si há mais de quatro décadas. Tréguas e acordos limitados fazem parte dos choques entre as civilizações, assim como os acordos de controle de armas entre soviéticos e americanos faziam parte da Guerra Fria; além disso, embora possa ser circunscrito, o conflito entre judeus e árabes continua.

Na agenda internacional, as questões intercivilizacionais estão substituindo em importância as questões entre superpotências. Incluem problemas de proliferação de armas (particularmente as armas de destruição em massa e os meios para desenvolvê-las), direitos humanos e imigração. No que diz respeito a essas três questões, o Ocidente está de um lado e a maioria das outras grandes civilizações, de outro. Na ONU, o presidente Clinton reclama a intensificação dos esforços para controlar armas nucleares e outros tipos de armas não-convencionais; os Estados islâmicos e confucianos se adiantam para obtê-las; a Rússia pratica a ambivalência. O grau de respeito dos países pelos direitos humanos corresponde de forma esmagadora à sua inserção nas civilizações: no Ocidente e no Japão há grande respeito pelos direitos humanos; na América Latina, Índia, Rússia e partes da África, alguns direitos

humanos são respeitados; a China, muitos outros países asiáticos e a maioria das sociedades muçulmanas observam menos o respeito aos direitos humanos. O crescimento da imigração de origem não-ocidental preocupa cada vez mais a Europa e os Estados Unidos. Outros países europeus, além da Alemanha, estão endurecendo as restrições aos imigrantes no momento em que desaparecem as barreiras à movimentação dentro da Comunidade Européia. Nos Estados Unidos, a afluência maciça de novos imigrantes já angaria apoio para o estabelecimento de novas formas de controle, isto apesar da contribuição positiva que, segundo a maior parte dos estudos, os imigrantes estão trazendo à economia americana.

### A América desfeita?

Uma das funções dos paradigmas é destacar o que é importante (por exemplo, o potencial de escalada dos conflitos entre grupos de diferentes civilizações); outra é analisar fenômenos conhecidos à luz de uma nova perspectiva. Nesse aspecto, o paradigma civilizacional pode ter implicações para os Estados Unidos. <sup>1</sup> Países como a União Soviética e a Iugoslávia, assentados sobre linhas de cisão civilizacional, tendem a se desagregar. Historicamente, a unidade dos Estados Unidos está assentada sobre alicerces gêmeos: a cultura européia e a democracia política. São os fundamentos da América, assimilados por gerações e gerações de imigrantes. Direitos iguais para todos os indivíduos têm sido a essência do credo americano; historicamente, em suas lutas por igualdade de tratamento na sociedade americana, imigrantes e grupos marginalizados têm invocado e conseqüentemente revigorado este princípio. Nesse sentido, o esforço mais notável e bem-sucedido foi o movimento pelos direitos civis liderado por Martin Luther King nas décadas de 50 e 60. Ocorre que, desde então, a demanda por direitos iguais transformou-se em demanda por direitos especiais ("ação afirmativa" e medidas similares) para negros e outros grupos. Essas reivindicações contrariam diretamente os princípios fundamentais que têm sido a base da unidade política norte-americana; rejeitam a idéia de uma sociedade de indivíduos iguais a despeito de sua cor e, em vez disso, incentivam uma sociedade com "consciência de cor" em que haja privilégios sancionados pelo governo para alguns grupos. Paralelamente, intelectuais e políticos começam a promover a ideologia do "multiculturalismo" e insistem em reescrever a história política, social e literária da América do ponto de vista dos grupos não-europeus. No extremo, esse movimento tende a elevar obscuros líderes de grupos minoritários ao nível de importância dos Fundadores da Nação. As duas demandas, por direitos especiais para alguns grupos e por multiculturalismo, estimulam um choque de civilizações no interior da América e estimulam o que Arthur M. Schlesinger Jr. chama de "a desunião da América".

Nos Estados Unidos é cada vez maior a diversidade étnica e racial. O Censo Bureau estima que no ano 2050 a população americana terá 23% de hispânicos, 16% de negros e 10% de asiáticos-americanos. No passado, os Estados Unidos tiveram êxito na absorção de milhões de imigrantes de inúmeros países porque estes se adaptavam à cultura européia dominante e abraçavam entusiasticamente o Credo Americano de liberdade, igualdade, individualismo e democracia. Este padrão continuará a ser dominante, quando metade da população for hispânica ou não-branca? Os novos imigrantes serão assimilados pela (até agora dominante) cultura européia dos Estados Unidos? Se não, e se o país passar de fato a multicultural e permeado por um choque interno de civilizações, poderá sobreviver como democracia liberal? A identidade política dos Estados Unidos está enraizada nos princípios articulados em seus documentos de fundação. A desocidentalização dos Estados Unidos, caso ocorra, significará também a sua desamericanização? Se a resposta for positiva e os americanos abandonarem sua ideologia política liberal e democrática com raízes européias, os Estados Unidos deixarão de existir tal como conhecemos e seguirão a outra superpotência ideologicamente definida até o monturo de cinzas da História. <sup>2</sup>

### Alguma idéia melhor?

Uma abordagem civilizacional ordena e explica boa parte da "confusão dos diabos" do mundo pós-guerra fria, e é por isso que atrai tanta atenção e provoca tantos debates mundo afora. Há algum paradigma melhor? Se não são as civilizações, o que será? As réplicas a meu artigo não apresentaram nenhuma representação de mundo alternativa que fosse convincente. Na melhor das hipóteses, ofereciam uma pseudo-alternativa e uma alternativa irreal.

A pseudo-alternativa é um paradigma estatista que constrói uma oposição totalmente irrelevante e artificial entre Estados e civilizações: "Civilizações não controlam Estados", afirma Fouad Ajami, "Estados controlam civilizações". Mas não faz sentido falar de Estados e civilizações em termos de "controle". Os Estados, naturalmente, buscam o equilíbrio de forças; mas, se sua ação se resumisse a isso, os países da Europa Ocidental teriam se aliado à União Soviética contra os Estados Unidos no final dos anos 40. Os Estados reagem primordialmente às ameaças que percebem, e os Estados europeus ocidentais vislumbraram então uma ameaça ideológica vinda do Leste. Como argumentava meu artigo, civilizações são compostas de um ou mais Estados, e "as nações-Estados continuarão a ser os agentes mais poderosos dos acontecimentos mundiais". Assim como em geral pertenciam a um dos três mundos da Guerra Fria, as nações-Estados também pertencem a civilizações. Com o fim daqueles três mundos, as nações-Estados cada vez mais definem seus interesses e identidades em termos civilizacionais, e os povos e Estados da Europa

Ocidental hoje vêem uma ameaça cultural do Sul substituir a antiga ameaça ideológica do Leste.

Não vivemos em um mundo de países caracterizado pela "solidão dos Estados" (para usar a expressão de Ajami) e ausência de conexões entre eles. Nosso mundo é um mundo de agrupamentos sobrepostos de Estados unidos em graus variados por história, cultura, religião, língua, localização e instituições. Em nível mais amplo, esses agrupamentos são civilizações. Negar sua existência é negar as verdades básicas da existência humana.

A alternativa irreal, por sua vez, é o paradigma do mundo único, segundo o qual existe, ou é provável que exista em poucos anos, uma civilização universal. Obviamente, hoje, como há milênios, os povos guardam características comuns que distinguem a espécie humana das outras espécies. Essas características sempre foram compatíveis com a existência de culturas muito diferentes. O argumento de que há uma cultura ou civilização universal emergente assume várias formas, mas nenhuma delas resiste sequer a um exame superficial.

Primeiro há o argumento de que o colapso da União Soviética significa o fim da história e a vitória universal da democracia liberal em todo o mundo. Esse argumento se ressentia da Falácia da Alternativa Única. Baseia-se na presunção típica da Guerra Fria de que a única alternativa ao comunismo é a democracia liberal, e de que a destruição do primeiro produz a universalização da segunda. Mas obviamente há muitas formas de autoritarismo, nacionalismo, corporativismo e comunismo de mercado (como na China) que sobrevivem muito bem, obrigado, no mundo de hoje. Mais significativo ainda, há todas as alternativas religiosas que se espalham pelo mundo e são percebidas em termos de ideologias seculares. No mundo moderno, a religião é uma força central, talvez a força central, que motiva e mobiliza os povos. É presunção pura imaginar que, porque o comunismo soviético fracassou, o Ocidente ganhou o mundo para sempre.

Segundo, há a suposição de que a interação crescente — maior comunicação e mais meios de transporte — produz uma cultura comum. Em determinadas circunstâncias, isso pode acontecer. Mas as guerras ocorrem mais frequentemente entre as sociedades que têm alto grau de interação, e a interação frequentemente reforça identidades, produzindo resistência, reação e confronto.

Terceiro, há a suposição de que a modernização e o desenvolvimento econômico têm um efeito homogeneizador e produzem uma cultura moderna comum muito semelhante à cultura que tem existido no Ocidente neste século. Claramente, as modernas sociedades urbanas, letradas, prósperas e industrializadas guardam traços culturais comuns que as distinguem das sociedades atrasadas, rurais, pobres e subdesenvolvidas. No mundo contemporâneo, as sociedades modernas em geral têm sido as sociedades ocidentais. Mas modernização não é igual a ocidentalização. O Japão, Cingapura e a Arábia Saudita são sociedades modernas,

prósperas e claramente não-ocidentais. A presunção dos ocidentais de que os outros povos que se modernizam têm de ser "como nós" revela um pouco da arrogância ocidental que em si mesma ilustra o choque das civilizações. Dizer que eslovênios e sérvios, árabes e judeus, hindus e muçulmanos, russos e tajiques, tamis e cingaleses, tibetanos e chineses, japoneses e americanos pertencem todos a uma única civilização ocidentalmente definida é desrespeitar a realidade.

Uma civilização universal tem de ser produto de um poder universal. O poder romano criou uma civilização quase universal nos limites do mundo antigo. O poder ocidental, na forma do colonialismo europeu no século XIX e da hegemonia norte-americana no século XX, estendeu a cultura ocidental a boa parte do mundo contemporâneo. O colonialismo europeu acabou; a hegemonia americana está se desfazendo. A consequência, à medida que se reafirmam moralidades, línguas, crenças e instituições nativas, é a erosão da cultura ocidental.

É espantoso que Ajami mencione a Índia como prova do poder avassalador da modernidade ocidental. "A Índia", diz ele, "não vai se transformar em um estado hindu. A herança do secularismo indiano prevalecerá". É possível, mas hoje a tendência esmagadora, distante da democracia parlamentar secular, socialista e ocidental vislumbrada por Nehru, é a de uma sociedade moldada pelo fundamentalismo hindu. Na Índia, prossegue Ajami, "a vasta classe média vai defendê-lo [o secularismo] e preservar a ordem intacta para garantir o lugar da Índia, e o seu próprio, na moderna comunidade de nações". Será verdade? Uma longa reportagem do *The New York Times* (23 de setembro de 1993) sobre o assunto começava assim: "Lenta, gradual, mas implacável como as inundações, uma crescente fúria hindu contra a minoria muçulmana da Índia está se espalhando entre sua sólida classe média — entre seus comerciantes e contadores, seus advogados e engenheiros —, gerando incerteza sobre a capacidade de entendimento entre as duas religiões no futuro". Publicado no *Times* (3 de agosto de 1993), um texto opinativo escrito por um jornalista indiano também destacava o papel da classe média: "O que é mais inquietante é o número crescente de altos funcionários públicos, intelectuais e jornalistas que passaram a falar a língua do fundamentalismo hindu, protestando contra as minorias religiosas, particularmente a muçulmana, que os estariam levando a perder a paciência". O autor do texto, Khushwant Singh, conclui tristemente que a Índia, embora possa manter sua fachada secular, "não será mais a Índia que conhecemos nos últimos 47 anos"; "seu espírito será o do hinduísmo militante". Na Índia, como em outras sociedades, o fundamentalismo está em ascensão e é largamente um fenômeno de classe média.

O declínio do poder ocidental será seguido, o que já começa a acontecer, pelo recuo da cultura ocidental. Em rápido crescimento, o poder econômico do Leste Asiático, como assegura Kishore Mahbubani, vai levar ao crescimento de seu poderio

militar, de sua influência política e de sua afirmação cultural. Um colega de Māhhubani produziu a seguinte advertência sobre a questão dos direitos humanos:

Os esforços em prol do respeito aos direitos humanos na Ásia também têm de levar em conta a diferente distribuição do poder no mundo pós-Guerra Fria... A ascendência ocidental sobre o Leste e o Sudeste da Ásia foi grandemente reduzida... Há muito menos espaço para o estabelecimento de condições e sanções que obriguem ao respeito aos direitos humanos...

Pela primeira vez desde a aprovação da Declaração Universal [dos Direitos Humanos], em 1948, países que não beberam largamente na fonte das tradições judaico-cristã e do direito natural integram o primeiro time; essa situação sem precedente definirá a nova política internacional sobre direitos humanos. Também vai multiplicar as chances de conflito...

O sucesso econômico engendrou maior autoconfiança cultural. Quaisquer que sejam as suas diferenças, os países do leste e do sudeste asiáticos são cada vez mais conscientes de suas próprias civilizações e tendem a identificar como fonte de seu sucesso econômico as suas próprias e nítidas tradições e instituições. O tom auto-elogioso, simplista e fanfarrão de boa parte dos comentários ocidentais ao final da Guerra Fria e o triunfalismo corrente quanto aos valores ocidentais faz os asiáticos do leste e do sudeste ranger os dentes.<sup>1</sup>

A linguagem é, claro, fundamental para a cultura, e tanto Ajami quanto Robert Bartley mencionam o amplo uso do inglês como prova da universalidade da cultura ocidental (embora o exemplo ficcional de Ajami daté de 1900). O uso do inglês, no entanto, é crescente ou decrescente em relação a outras línguas? Na Índia, África e outras partes do mundo, línguas nativas vêm substituindo as dos governantes coloniais. Quando Ajami e Bartley escreviam seus comentários, a revista *Newsweek* publicou um artigo intitulado "Já não se fala muito inglês por aqui", sobre a substituição do inglês pelo chinês como *lingua franca* em Hong Kong.<sup>2</sup> Paralelamente, os sérvios agora chamam sua língua de sérvio, não servo-croata, e a escrevem no alfabeto cirílico de seus parentes russos, não no alfabeto ocidental de seus inimigos católicos. Ao mesmo tempo, o Azerbaijão, o Turcomenistão e o Uzbequistão deixaram o alfabeto cirílico pelo alfabeto ocidental de seus parentes turcos. No *front* da linguagem, a babelização prevalece sobre a universalização e evidencia ainda mais a ascensão da identidade civilizacional.

Por cultura é que se morre

Não importa para onde se olhe, o mundo está em conflito. Se as diferenças entre civilizações não são as responsáveis por estes conflitos, o que será? Os críticos do paradigma civilizacional não conseguiram fornecer explicação melhor para o que

está acontecendo no mundo. O paradigma civilizacional, em contraste, desperta sensível repercussão. Na Ásia, como relatou um embaixador americano, está "se espalhando como um incêndio". Na Europa, o presidente da Comunidade Européia, Jacques Delors, endossou explicitamente o argumento de que "os conflitos do futuro vão ser deflagrados por fatores culturais, mais do que ideológicos ou econômicos", e advertiu: "O Ocidente precisa aprofundar sua compreensão dos pressupostos religiosos e filosóficos sobre os quais se baseiam outras civilizações, e sua compreensão do modo como as outras nações encaram seus interesses, para identificar o que temos em comum". Os muçulmanos, de seu lado, vêem o "choque" como algo que garante reconhecimento e, em certo grau, legítima a diversidade de sua própria civilização e sua independência do Ocidente. De acordo com a realidade vista e vivenciada pelas pessoas, as civilizações são entidades significativas.

A História não terminou. O mundo não é um só. As civilizações unem e dividem a humanidade. As forças que provocam os choques entre as civilizações só poderão ser contidas se forem reconhecidas. Em um "mundo de diferentes civilizações", como concluiu o meu artigo, cada uma delas "precisará aprender a coexistir com as outras". O que de fato importa para as pessoas não é a ideologia política ou o interesse econômico. Fé e família, sangue e crença, é com isso que as pessoas se identificam e é por isso que lutam e morrem. E é por isso que o choque entre civilizações está substituindo a Guerra Fria como fenômeno central da política global; e é por isso que, melhor que qualquer outra alternativa, um paradigma civilizacional fornece um ponto de partida útil para compreender e lidar com as mudanças que estão acontecendo no mundo.

Tradução: Lúcia Boldrini

## NOTAS

1. Veja, a título de exemplo, o mapa publicado em *Die Welt* (16 de junho de 1993, p. 3).
2. Para uma brilhante e eloquente exposição dos motivos pelos quais o futuro dos Estados Unidos pode ser problemático, veja o artigo "Can American Democracy Survive?", de Bruce D. Porter, publicado em *Commentary*, novembro de 1993, pp. 37-40.
3. Bilahai Kausikan, "Asia's Different Standard", *Foreign Policy*, outono de 1993, pp. 28-34. Em artigo complementar, Anyeh Neier faz crítica severa ao que chama de "Asia's Unacceptable Standard", *Ibid.*, pp. 42-51.
4. Nas palavras de um morador britânico: "Quando cheguei a Hong Kong, dez anos atrás, nove em cada dez motoristas de táxi entendiam onde você queria ir. Agora, nove entre dez deles não entendem". Hoje em dia, é cada vez mais comum a necessidade de contratar ocidentais para os empregos que exigem conhecimento de inglês. *Newsweek*, 19 de julho de 1993, p. 24.